

ELEGENDO E VENERANDO OS MESTRES – JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES E OS PROCESSOS DE CANONIZAÇÃO NOS ANOS 1950-60

Mariana Rodrigues Tavares*

Resumo:

O texto a seguir versa sobre o processo de disputas intelectuais e canonização de uma determinada leitura sobre a História do Brasil vivido nos anos de 1950. Parte importante desses debates e monumentalização histórica, a figura do historiador José Honório Rodrigues foi definidora na conformação da historiografia brasileira desse período, como se pode verificar em sua obra *Teoria da História do Brasil* lançada pela Companhia Editora Nacional na célebre Coleção Brasileira em 1969. Nessa obra além de evidenciar os principais métodos historiográficos da época, o respectivo historiador elenca determinadas leituras para se compreender a História do Brasil e seus variados gêneros, dentre eles, a História Econômica. É o que se verifica neste artigo.

Palavras-chave: Disputas Intelectuais; historiografia brasileira; José Honório Rodrigues

Abstract:

The following text deals with the process of intellectual disputes and canonization of a particular reading of the history of Brazil lived in the 1950s. Important part of these discussions and monumentalization historical figure of the historian Jose Honorio Rodrigues was defining the conformation of Brazilian historiography of this period, as can be seen in his work *Teoria da História do Brasil* launched by Companhia Editora Nacional in the famous “Coleção Brasileira” in 1969. In this work also highlights the main historiographical methods of the time, its historian lists certain readings to understand the history of Brazil and its various genres, among them the Economic History. It is what we see in this article.

Keywords: Disputes Intellectuals; Brazilian historiography; José Honório Rodrigues.

“A história econômica é hoje um dos gêneros mais cultivados. O fato de poder e dever basear-se em dados quantitativos e estatísticos torna-a, talvez, o mais exato ramo da história.” (RODRIGUES, 1969:163)¹

Com essas palavras elogiosas, o historiador José Honório Rodrigues apresenta os diversos gêneros da História e suas principais características. Capítulo inserido numa obra reeditada três vezes e lançada na célebre coleção *Brasileira* da Companhia Editora Nacional, dirigida por Américo Jacobina Lacombe, *Teoria da História do Brasil* tem a pretensão de oferecer um conjunto de referências bibliográficas acerca de diferentes temas sobre a História do Brasil, elegendo dessa forma os autores que deveriam ser lembrados e os esquecidos na

* Bolsista de Iniciação Científica Pibic/UFF/CNPq com o projeto “*Escritas da História e construção historiográfica: José Honório Rodrigues no espaço da produção intelectual nos anos 1950*”, sob orientação da professora Giselle Martins Venancio. Email: historia.mari@gmail.com.

¹RODRIGUES, José Honório. Os diversos gêneros da História. In: *Teoria da História do Brasil. Introdução Metodológica*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, pp. 145-221.

literatura histórica brasileira. Nesta narrativa nos deteremos na escrita de José Honório acerca da História Econômica, destacando os “historiadores eleitos” pelo autor e de que maneira a sua perspectiva conformou a leitura posterior acerca dessa temática.

José Honório Rodrigues: roteiro de sua trajetória

Nascido a 20 de Setembro de 1913, na cidade do Rio de Janeiro, José Honório Rodrigues ocupa uma posição especial na historiografia brasileira, como aponta Francisco Iglésias² no artigo dedicado ao historiador.

Bacharelou-se em Direito em 1937. Afastando-se da área advocatícia, dois anos mais tarde, entre os anos de 1939-1944, foi trabalhar no Instituto Nacional do Livro (INL) com Sérgio Buarque de Holanda, permanecendo até ser contemplado com a bolsa de estudos da Fundação Rockefeller para cursar Metodologia e Teoria da História na Universidade de Columbia na área de, bem como para proceder o levantamento de documentação referente ao Brasil no exterior.

Entre os anos de 1943-1944 permaneceu nos Estados Unidos regressando ao Brasil em 1945, momento em que trabalhou como bibliotecário do Instituto do Açúcar e do Alcool (IAA). Um ano mais tarde, de 1946 a 1958 foi diretor da Direção de Obras Raras da Biblioteca Nacional. Uma vez na Biblioteca Nacional, pôde ter uma aproximação com a bibliografia brasileira e pôr em prática o resgate das publicações da *Coleção Documentos Históricos* e dos *Anais da Instituição*. À frente da Biblioteca editou entre 1946 e 1955 um número de 40 anais e cerca de nove volumes da coleção.

Paralelamente a este trabalho, iniciou a sua carreira docente. De 1946 a 1956, deu aula no Instituto Rio Branco para a formação de pessoal do Itamaraty, e trabalhou na seção de pesquisas no mesmo Instituto, entre 1949 e 1950, no arquivo do Ministério das Relações Exteriores. Em 1950 obteve uma bolsa do Conselho Britânico para uma viagem a Inglaterra, local em que pode estreitar relações com Arnold Toynbee. A sua passagem pelos IAA e pelo Instituto Rio Branco possibilitou a visita de José Honório a outros centros de pesquisa e arquivos como Portugal, Espanha, França, Itália e Países Baixos. Cinco anos mais tarde, em 1955, atuou no curso da Escola Superior de Guerra onde pronunciou conferências, algumas delas que originaram o texto *Aspirações Nacionais*.

²IGLÉSIAS, Francisco. *José Honório Rodrigues e a historiografia brasileira*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, n.1, 1988, p. 55-78.

A partir de 1955 aumenta seu interesse pelo período colonial, confluindo com o momento de redefinição do campo historiográfico brasileiro, e coincidindo curiosamente ou não, com a sua atuação nas Universidades brasileiras. Foi professor na Faculdade de Ciências Econômicas do Estado da Guanabara, na Universidade Federal Fluminense, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, mas sem períodos longos e grandes continuidades. Lecionou também na Universidade de Brasília e foi professor-visitante na Universidade do Texas, em Austin, em 1963, 1964 e 1966, bem como em Colúmbia, Nova York, em 1970.

No entanto a sua atuação mais significativa só veio a ocorrer na administração pública através da Direção do Arquivo Nacional, de 1958 a 1964. Realizou ao longo desses anos uma reforma substancial na Instituição trazendo outros especialistas em arquivística como Theodore R. Schellenberg que se responsabilizaram pela realização de cursos aos funcionários e por montar planos de trabalho para a reorganização do Arquivo Nacional. Ainda na Instituição, José Honório providenciou a tradução de obras básicas desses autores e de outros, dentre os títulos: *A avaliação dos documentos públicos modernos e Manual de Arquivos (1959)*; *Problemas arquivísticos do governo brasileiro, O preparo de listas de maços de documentos (1960) e Documentos públicos e privados (1963)*. De Schellenberg publicou a obra *Modern archives. Principles and techniques*, traduzido por Nilza Teixeira Soares.

Após deixar o Arquivo Nacional, José Honório ficou disponível ao serviço público, quando exerceu o magistério e produziu alguns dos seus principais livros. Participou do Programa de História da América do Instituto Pan-Americano de Geografia e História, com o qual colaborou desde 1951, e escreveu livros em português e espanhol, dentre os quais se podem citar *Brasil, período colonial (1957)*; *Historiografia Del Brasil. Siglo XVI (1957) e Siglo XVII (1963)*.

Além disso, participou de editoriais de Revistas: a Revista de História da América, do Instituto Pan-Americano, da Revista Brasileira de Estudos Internacionais, e integrou a Comissão de Textos de História do Brasil, do Ministério das Relações Exteriores. Foi membro da Academia Brasileira de Letras (1969) e o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) primeiro como sócio efetivo e depois como sócio benemérito.

Morreu na cidade do Rio de Janeiro em 6 de abril de 1987, aos 73 anos de idade.

Tramas editoriais e publicação: *Teoria da História do Brasil* e a Companhia Editora Nacional

“Desde o seu aparecimento, em 1949, esta obra do professor José Honório Rodrigues vem fazendo parte obrigatória de qualquer biblioteca de estudos brasileiros. Tanto no Brasil quanto no estrangeiro sentiu-se que ela vinha realmente aos estudiosos de história um elemento indispensável para os que pretendem encarar seriamente os problemas da ciência histórica. [...]” (“Orelha” da obra *Teoria da História do Brasil*)

Essas palavras fazem parte da “orelha” da terceira edição da obra de José Honório Rodrigues. Sem dúvida, o elogioso texto tem uma função semelhante àquela apontada por Gerard Genette sobre os prefácios, isto é, busca “valorizar o texto sem indispor o leitor com uma valorização imodesta demais, ou apenas visível demais, de seu autor.” (GENETTE, 2009:177)³ Além de situar o texto em si, situa conjuntamente o autor, requalifica-o e principalmente estabelece os cânones. Nesse ínterim, como atenta Bourdieu é necessário recuperar o processo de dupla historicização, tanto na tradição quanto na análise dos esquemas de pensamento herdados e procurar reconstituir o espaço dos possíveis. Nas palavras do autor,

“(...) Trata-se, para isso, de reconstituir a um só tempo o espaço das posições possíveis (apreendido através das disposições associadas a certa posição) com relação ao qual se elaborou o dado histórico (texto, documento, imagem etc.) a interpretar, e o espaço dos possíveis com relação ao qual se interpreta. Ignorar essa dupla determinação é condenar-se uma “compreensão” anacrônica e etnocêntrica que tem todas as probabilidades de ser fictícia e, no melhor dos casos, permanece inconsciente de seus próprios princípios (...)” (BOURDIEU, 1996: 345)⁴

No caso em questão, o que importa para nós é o processo de construção dos cânones historiográficos por meio dos escritos de José Honório Rodrigues. Através dessa obra, é possível identificar um duplo processo de canonização. O primeiro, estabelecido por José Honório ao elencar os verdadeiros nomes da historiografia econômica e o outro,

³GENETTE, Gérard. As funções do prefácio original. In: *Paratextos Editoriais*. Tradução de Álvaro Faleiros. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009 (Artes do livro:7), pp. 175-209.

⁴BOURDIEU, Pierre. A gênese histórica da estética pura. In: *As Regras da Arte – Gênese e estrutura do campo literário*. Tradução de Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro, Companhia das Letras, pp. 319-368.

experienciado pelo próprio autor ao ter três edições de sua obra publicadas na célebre coleção Brasileira da Companhia Editora Nacional.

E o que dizer do próprio autor? Como salienta Foucault⁵, trata-se de uma impossibilidade de tratá-lo como nome próprio comum. Não é o autor o exclusivo proprietário dos seus textos, nem o único responsável por eles. O nome do autor, do editor e todos os outros mediadores da produção editorial reconfigura a posição da obra e consagra os escritos. Além disso, o lugar que o autor ocupa transforma o texto, conferindo-lhe expressividade ou mesmo ocultando-o. O caso de José Honório não seria diferente. Para perceber isso, basta analisar outra parte do texto que compõe a orelha do livro de José Honório,

“O professor José Honório Rodrigues é um dos mais operosos trabalhadores em sua especialidade em nosso país. Mas esta obra ocupara sempre um lugar dominante em toda a sua produção pela amplitude dos temas versados e pela forte e inapagável impressão deixada em nossa historiografia.” (“Orelha” da obra *Teoria da História do Brasil*)

Por meio de tão elogioso texto, não só a obra de José Honório se conforma, mas também seu lugar ocupado no campo historiográfico, como mencionado. Já consagrado nos anos 1960 como evidencia a sua trajetória acima descrita, José Honório nessa mesma época além de ter viajado para pesquisar no exterior, no mesmo ano do lançamento da terceira edição, 1969, ingressara para a Academia Brasileira de Letras, alcançando assim uma dupla consolidação. No campo científico, é a autoridade do saber o que legitima os indivíduos. Nas palavras de Bourdieu,

“(…) porque o que está em jogo na luta interna pela autoridade científica no campo das ciências sociais, isto é, o poder de produzir, impor ou inculcar a representação legítima do mundo social, é o que está em jogo entre as classes no campo da política.” (BOURDIEU, 1976:148)⁶

Para além das constituições de espaços no campo historiográfico, pode-se afirmar que nos anos 1950-60, as primeiras produções advindas das Universidades brasileiras estavam

⁵FOUCAULT, Michel. O que é um Autor? In: **Ditos e Escritos**: Estética – literatura e pintura, música e cinema (vol.III). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. p. 264-298.

⁶BOURDIEU, Pierre. O Campo Científico. In: *Sociologia*. ORTIZ, Renato (org.). Editora Ática, 1976, pp. 122-155.

solidificando as formas de entender o Brasil. Nesse ínterim a editora Companhia Editora Nacional e a coleção Brasileira se inserem.

Dos anos 1930 a 1950 o mercado editorial brasileiro tem um estrondoso crescimento, compreendendo desde as traduções quanto à produção de coleções pedagógicas. Livros sobre o Brasil foram incontáveis e o assunto da pauta era a realidade brasileira. Nas palavras de Cristina Rodrigues, essa busca por constituir uma identidade do país estimulou os estudos de história, política, sociologia, antropologia a receberem um incremento notável a ser medido pelas coleções dedicadas a essas áreas. (RODRIGUES, 2012:220)⁷

E o que dizer da Companhia Editora Nacional? Fruto de uma associação entre dois nomes importantes e influentes do universo dos livros, Monteiro Lobato e Octales Marcondes Ferreira, a Companhia Editora Nacional surge em 1925. Tendo à frente dois experientes nomes dos livros, a Companhia Editora Nacional em poucos anos cresceu e modificou o mercado nacional de livros, graças os novos métodos empregados na impressão e circulação das obras. De acordo com Eliana Dutra,

“Para “inundar o país de livros” como queria Monteiro Lobato, a Companhia Editora Nacional vai se valer da fórmula editorial de grande sucesso que marcou a paisagem editorial oitocentista francesa, expandindo-se da França para o mundo: **as coleções.**” (DUTRA, 2004:06, grifos meus)⁸

Nessa conjuntura de modificações editoriais e inovações mercadológicas, a Companhia Editora Nacional investe no ramo de coleções, publicando uma das mais conhecidas produções sobre a realidade brasileira, a coleção brasileira. A coleção Brasileira, da Companhia Editora Nacional foi produzida por Octalles Marcondes Ferreira e fez parte de uma das mais importantes produções do cenário nacional na primeira metade do século XX: a “Biblioteca Pedagógica Brasileira” projetada pelo intelectual Fernando de Azevedo. Composta com cerca de 400 volumes sendo uma parte deles voltadas para a tradução de textos de naturalistas e viajantes especialmente os do século XIX, a coleção estruturou-se para ser a maior obra da cultura brasileira, dividindo-se em unidades temáticas que englobavam a

⁷RODRIGUES, Cristina Carneiro. *Brasileira e a Reconquista do Brasil: Projetos Editoriais de tradução*. Revista Letras, Curitiba, n.85, p.219-230, jan./jun. 2012. Editora UFPR.

⁸DUTRA, Eliana de Freitas. *Companhia Editora Nacional: Tradição Editorial e Cultura Nacional no Brasil dos anos 30*. I Seminário Brasileiro sobre o Livro e História Editorial, Rio de Janeiro, Casa de Rui Barbosa, 2004, pp.1-22.

Antropologia, Demografia, Etnologia, Pré-História, Biografia; Folclore; História; Medicina e Higiene; Política e Viagens. Nas palavras de Eliana Dutra,

“Este recorte é bastante sugestivo das ênfases da Coleção, bem como do esquadramento do Brasil por ela pretendido com vistas a municiar um padrão de conhecimento capaz de suportar um projeto de Nação e de forma a propiciar um encontro do país consigo mesmo, bem como assentar as bases para a construção de uma identidade nacional.” (DUTRA, 2004:17)⁹

Fruto desse amplo e ousado projeto, a *Teoria da História do Brasil* de José Honório Rodrigues lança as bases de como e o que se deveria ler para compreender o Brasil. Conformando leituras e determinando os historiadores que deveriam ser recuperados para compreender as origens da nossa história econômica, José Honório revela a importância da história econômica afirmando que,

“(…) O desenvolvimento da história econômica se deve a muitas razões, teóricas e práticas. Quanto às primeiras, é de assinalar-se a importância que a totalidade da vida presente histórica. Quanto às segundas, porque o caminho para a história dos negócios e das grandes empresas atraiu para as pesquisas os fundos de grandes firmas empenhadas em relatar a história de suas atividades.” (RODRIGUES, 1969:163)¹⁰

E retoma Marx em suas obras *Crítica da economia política* e a *Miséria da filosofia* apresentando a tese célebre do teórico, em que a existência social atua na define a consciência individual.

Mas não só sobre a historiografia econômica geral se debruça José Honório Rodrigues. Ao tratar da historiografia econômica brasileira, apresenta a famosa tese dos ciclos econômicos e da luta de classes atribuindo a esses dois conceitos a autoria de Abreu e Lima. Nas palavras de Honório,

“A história geral, a caracterização dos ciclos econômicos, inspirados no desenvolvimento da história européia, os temas gerais dominam a história econômica brasileira. Um desses é o da luta de classes no Brasil, sobre a qual foi o primeiro a chamar atenção Abreu e Lima. Ao escrever sobre a

⁹Idem.

¹⁰RODRIGUES, José Honório. Diversos gêneros da história. In: *Teoria da História do Brasil* (Introdução Metodológica). São Paulo, Companhia Editora Nacional, Coleção Brasileira, 1969, pp. 145-222.

escravidão negra no Brasil e sua necessidade naquela fase de nossa evolução, esclarece que quando emprega as denominações “branco”, “mulato” ou “negro” estas devem ser entendidas apenas como acidentais, para denotar uma classe. (...) Diz Abreu e Lima que logo à primeira vista se nota que a população brasileira está dividida em duas partes iguais, isto é, pessoas –livres e pessoas escravas, que de certo modo não apresentam grande afinidade, as quais por sua vez, se dividem em quatro grandes famílias distintas tão opostas e inimigas umas das outras como as duas grandes seções entre si.” (RODRIGUES, 1969:166)¹¹

Ao retomarmos o arcabouço teórico marxista, a pretensão de Honório se revelava condizente com o que Francisco Falcon¹² denomina de associação entre a tradição e a inovação na prática dos historiadores dos anos 1950-60. Segundo o autor, no pólo da renovação estava cada vez personificada na escola dos Annales, sob a influência da perspectiva marxista, onde ganhavam profusão as citações de Marc Bloch, F. Braudel, Marx e Engels. No que se refere à tradição, ela se manteve presente nos currículos dos cursos de graduação vicejando sob os signos da linha metódica e empirista.

Para além de Abreu e Lima, outros nomes da historiografia brasileira são recuperados. Dentre os quais se podem citar os de Oliveira Vianna e sua teoria sobre a ausência de luta de classes no Brasil; e Caio Prado Júnior e o destaque para as ditas revoltas populares, tais como a Cabanagem do Pará, a Balaiada do Maranhão e a Revolta Praieira. Entretanto apesar de citar esses nomes como sendo ou tendo sido ativos produtores de uma vertente da nossa historiografia, José Honório ainda caracteriza os estudos econômicos históricos como ainda muito incipientes. Segundo o autor,

“A historiografia econômica começa neste século, com a obra de Amaro Cavalcanti, Leopoldo Bulhões, João Pandiá Calógeras, Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, F.T. de Sousa Reis, Afonso Taunay, Roberto Simonsen, Alfredo Ellis Júnior, **Caio Prado Júnior**, Afonso Arinos de Melo Franco, Josias Leão, Marcos Carneiro de Mendonça, José Jobim,

¹¹Idem.

¹²Para maiores detalhes ver: FALCON, Francisco. *A identidade do historiador*. Estudos Históricos, 1996, 17, pp. 07-30.

Pires do Rio, Alice Canabrava, José J.F. Normano, Wanderley Pinho e **Francisco Iglésias.**” (RODRIGUES, 1969:167, grifos meus)¹³

A respeito desses dois nomes em especial gostaria de agora deter as atenções. Ao estabelecê-los como representantes do que de mais novo se produzia na então História econômica, José Honório Rodrigues não só os qualifica, como também conforma uma maneira de ler e entender a história econômica brasileira que passava, sem dúvida, pelas produções dos historiadores citados acima. No entanto o que dizer dos outros nomes menos citados posteriormente?

Autores pouco lembrados ou deixados esquecidos no processo de estabelecimento da versão oficial da História do Brasil. Como afirma Angela de Castro Gomes¹⁴, periodizar é um ato de extremo poder e em razão disso, as primeiras décadas República precisam ser repensadas e seus autores recuperados. No processo de estabelecimento dos cânones vivido nas décadas de 1950-60, momento em que se definiam os novos rumos da historiografia brasileira, elege-se o nome de Caio Prado Júnior como um dos mais importantes para se compreender a história do nosso país. Muito desse processo deve-se, sobretudo, a circulação da produção das primeiras universidades do país e o próprio lugar ocupado pelo próprio Caio Prado Júnior na Universidade de São Paulo, USP.

Francisco Falcon evidencia que já nos anos 1930 a *inovação* da historiografia brasileira acontecia por meio da impressão das páginas dos textos de Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Jr e as de Gilberto Freyre. Falcon¹⁵, apesar de escrever nos anos 1990, reflete os próprios processos de estabelecimento dos cânones. Mas não só a sua posição ou o impacto dos seus escritos confere a Caio Prado Júnior a legitimidade enquanto historiador econômico. Num artigo publicado em 2004, o historiador econômico Tamás Szmrecsányi¹⁶ retoma os primórdios da disciplina e cita não curiosamente os nomes de Caio Prado Júnior e de Francisco Iglésias. Além disso, no Instituto de Estudos Brasileiros¹⁷ (IEB) pode-se localizar uma documentação que evidencia uma relação amistosa entre Prado e Szmrecsányi

¹³Idem.

¹⁴GOMES, Ângela de Castro e ABREU, Martha. *A nova “Velha” República: um pouco de história e historiografia*. Tempo. Revista do Departamento de História da UFF, v. 13, p. 11-24, 2009.

¹⁵Idem.

¹⁶SZMRECSÁNYI, Tamás. *Retomando a questão do início da historiografia econômica no Brasil*. Nova Economia, Belo Horizonte, janeiro-abril de 2004.

¹⁷Para maiores detalhes ver os catálogos: http://143.107.31.159/catalogo_eletronico/consultaDocumentos.asp . Acesso em 21/05/2013.

em fins dos anos 1970 por meio da troca de escritos e de projetos de coleções de ensaios sobre a então jovem disciplina. O que objetivo elucidar com essas trocas é de que maneira as redes de sociabilidade intelectual se constroem, se consolidam e permitem o estabelecimento de cânones, nesse caso, os historiográficos.

Anos mais tarde, em 1988, um ano após o falecimento de José Honório Rodrigues, ele seria reapropriado através de um elogioso e exaltador artigo de Francisco Iglésias, publicado na Revista Estudos Históricos. Neste momento, como acontecera em muitos outros, era necessário estabelecer novos cânones, eleger e venerar os novos mestres.

Referências Bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. A gênese histórica da estética pura. In: *As Regras da Arte – Gênese e estrutura do campo literário*. Tradução de Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro, Companhia das Letras, pp. 319-368;

BOURDIEU, Pierre. O Campo Científico. In: *Sociologia*. ORTIZ, Renato (org.). Editora Ática, 1976, pp. 122-155;

DUTRA, Eliana de Freitas. *Companhia Editora Nacional: Tradição Editorial e Cultura Nacional no Brasil dos anos 30*. I Seminário Brasileiro sobre o Livro e História Editorial, Rio de Janeiro, Casa de Rui Barbosa, 2004, pp.1-22;

FALCON, Francisco. *A identidade do historiador*. Estudos Históricos, 1996, 17, pp. 07-30;

FOUCAULT, Michel. O que é um Autor? In: **Ditos e Escritos**: Estética – literatura e pintura, música e cinema (vol.III). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. p. 264-298;

GENETTE, Gérard. As funções do prefácio original. In: *Paratextos Editoriais*. Tradução de Álvaro Faleiros. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009 (Artes do livro:7), pp. 175-209;

GOMES, Ângela de Castro e ABREU, Martha. *A nova “Velha” República: um pouco de história e historiografia*. Tempo. Revista do Departamento de História da UFF, v. 13, p. 11-24, 2009;

IGLÉSIAS, Francisco. *José Honório Rodrigues e a historiografia brasileira*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, n.1, 1988, p. 55-78;

RODRIGUES, José Honório. Os diversos gêneros da História. In: *Teoria da História do Brasil. Introdução Metodológica*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, pp. 145-221;

RODRIGUES, Cristina Carneiro. *Brasiliana e a Reconquista do Brasil: Projetos Editoriais de tradução*. Revista Letras, Curitiba, n.85, p.219-230, jan./jun. 2012. Editora UFPR;

SZMRECSÁNYI, Tamás. *Retomando a questão do início da historiografia econômica no Brasil*. Nova Economia, Belo Horizonte, janeiro-abril de 2004.

Site:Disponível em: http://143.107.31.159/catalogo_eletronico/consultaDocumentos.asp . Acesso em 21/05/2013.

